

As

(*Júlio B.*)

I. As

E, assim como tudo o que vive, aquela chama também se apagava. Se algum dia havia sido amor, nenhum dos dois podia afirmar agora, abalados pelo recente fim. A dor da ausência incomodava menos que o desgaste de estarem juntos. Todas as juras de amor, agora eram lembradas apenas como galanteios em tempos de conquista. Já não eram mais nada, nem mesmo verdade. A promessa de estarem juntos para sempre era apenas algo que ambos desejaram nunca ter dito.

Antes, tão íntimos, mal podiam se olhar agora sem demonstrar algum constrangimento. Os diálogos, cada vez mais pragmáticos, apenas davam conta dos acertos finais da separação. A cama de casal seria vendida. Por consenso, o palco da concretização de tantos desejos não poderia caber mais a um do que outro.

A sensação de liberdade que cada um readquiria era sufocante. A vontade de dar satisfações das idas e vindas para alguém ainda ardia em seus instintos condicionados. A possibilidade de ir a qualquer lugar, a qualquer hora, conhecer qualquer pessoa, sem ninguém esperando em casa era mais que liberdade readquirida: era ter de aprender de novo a viver a própria vida.

Um prato só na mesa era muito frio quando se lembravam de jantares românticos. Apenas as próprias roupas no armário davam um ar de uniformidade que remetia ambos ao sentimento agridoce da perda voluntária de alguém importante. Mas todas essas sensações incômodas da vida de solitários ainda eram sensações melhores do que a sensação de estar pelo resto da vida amarrado a uma pessoa com quem não se quer mais conviver.

II. Amigos

Durante as discussões pré-separação, disseram palavras exaltadas e nocivas. Os momentos bons eram guardados em partes inacessíveis da memória e os detalhes irritantes que um sempre suportou no outro ganhavam todo o foco. Peçonhentos, lançavam-se em botes aleatórios, com a única intenção de machucarem o outro. O veneno ainda morava em suas lembranças.

Antes da separação, eram duas pessoas que não mais suportavam a existência um do outro. Era aversão extrema, vontade de se libertarem.

Depois de separados, o medo da prisão chamada casamento - na qual os dois foram enclausurados - passou. Seus corações respiraram novos ares. As memórias esquecidas dos bons

momentos que tiveram juntos já se mesclavam com todas as outras. Pouco a pouco, o respeito entre os dois ia se restabelecendo.

Mas eram mais que duas pessoas que se respeitavam. Havia muito compartilhamento de momentos de suas vidas. Conhecidos em comum. Aventuras vividas juntos. Comentários de um que só o outro entenderia. Eram amigos.

Agora, separados, a idéia de se encontrarem já era até bem aceita, e quase desejada. Era poder se distrair ao lado de uma pessoa com quem os assuntos nunca se esgotariam.

Por mais livres que estivessem (mesmo ainda não sabendo conviver com essa liberdade), ambos possuíam um passado comum, que agora compreendiam ser digno de admiração e até saudades.

III. Anoi-tecer

Com o tempo, não era mais a liberdade que incomodava. Acostumaram-se. Ainda estavam vivos. E o que incomodava agora era a falta de alguém ao lado para compartilhar os momentos de suas vidas.

Não que pensassem em reatar o que haviam vivido. Sabiam que o atrito entre os dois provocava faíscas que acabariam por incendiar novamente a relação.

Mas ainda sonhavam com amor. Em seus corações, esperavam encontrar outras pessoas especiais. E, se encontrassem, iam fazer de tudo para dar certo dessa vez. Estavam dispostos a ceder mais, a ouvir mais. Pretendiam não cometer com seus novos amores todos os erros que cometeram um com o outro. Talvez fosse possível, já estavam maduros.

Agora só lhes falta encontrar suas novas pessoas especiais, as que inspirarão versos sobre as estrelas, que receberão beijos de mel. Desistiram um do outro, não de viver, não do amor. Estavam na luta.

Tentaram ser felizes. Falhar faz parte de tentar. E, assim como essa relação, todas as outras coisas, fatalmente, terão um fim um dia.

Tentaram ser felizes. Mas afinal, não é o que todos nós tentamos?